
PARA A CRÍTICA DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**PARA LA CRÍTICA DE LA PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO****FOR THE CRITICISM OF THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE**Michele Silva Sacardo¹Régis Henrique dos Reis Silva²

Vivemos tempos difíceis no cenário político-social brasileiro, recentemente uma série de ataques vem sendo realizada contra a classe trabalhadora em todos os âmbitos, social, político, econômico e cultural. Nesse ambiente de ofensiva conservadora no Brasil e no Mundo, frequentemente a teoria marxiana e marxista tem sido objeto de perseguição e de crítica das diferentes matrizes teórico-filosóficas no âmbito das lutas das ideias. Prova disso, tem sido os ataques que grupos de estudos e pesquisas marxistas têm recebido.

Mais recentemente, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Marx, Trabalho e Educação (GEPMTE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi denunciado no Ministério Público Federal (MPF) por “pregação política”³. Tal denúncia expressa por um lado, que uma parcela do judiciário brasileiro é sustentáculo ativo do golpe em curso no Brasil, como também, representa a tentativa de criminalizar e cercear as possibilidades de expressão do pensamento crítico.

Apesar desse cenário, a produção do conhecimento no Brasil, tem crescido expressivamente nas últimas décadas, em virtude, primeiramente, da expansão de Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*, *locus* privilegiado de seu desenvolvimento. Porém, esta expansão, fez com que o sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – que regula os programas de pós-graduação – aprimorasse cada vez mais os rumos dessa produção para uma perspectiva produtivista de Educação, não obstante as resistências e contradições que se fazem presentes nesse nível de formação no Brasil. De fato, esta não é uma realidade apenas nesse espaço privilegiado de produção de conhecimento, mas o campo educacional em grande parte, tem se transformado em serviço cada vez mais mercantil, sustentado por bases ideológicas orientadas pelo produtivismo e pelo pragmatismo do mercado.

Na base do produtivismo, repercute na formação acadêmica e na produção do conhecimento, referenciais pragmáticos, funcionalistas e pós-modernos que privilegiam a eficiência e o consenso político liberalizante que, embasados pela experiência imediata, celebram o “fim da teoria”. Esta proliferação na

produção do conhecimento, assenta-se no fim da história, na negação das classes sociais e do trabalho, na prática como critério de verdade, na impossibilidade da ciência. A verdade nesse contexto é reduzida à eficiência a ao desempenho no interesse dos negócios e da acumulação do lucro.

Com este cenário, e com o aumento da produção científica nas últimas décadas, orientações teóricas diversas têm ganhado cada vez mais espaço nesse âmbito, levando, portanto, vários pesquisadores/as em diferentes áreas, a tomar como objeto de preocupação e investigação, o conhecimento produzido. Há de tudo, desde pesquisas sem o mínimo rigor nos procedimentos investigativos, o retorno a abordagens idealistas e fenomenológicas nas quais os objetos recebem descrições e narrativas descontextualizadas historicamente, até estudos quantitativos onde os dados escondem aquilo que é produzido por muitos, mas, apropriados por poucos. Por outro lado, por estudiosos do próprio marxismo, que buscam defender que, para contribuir com a superação dos limites da crítica da produção do conhecimento, especialmente, de dissertações e teses em educação e educação física, faz-se necessário rever na forma com que Marx e Engels empreenderam suas críticas, uma crítica epistemológica coerente.

No sentido de contribuir com os debates e tomada de posição, este número da *Germinal* se propôs o tema “Para a Crítica da Produção do Conhecimento” trazendo ao leitor 25 textos. Compõem a sessão debates três artigos que demonstram os caminhos das críticas que estão postas à produção do conhecimento na atualidade.

O artigo “Análise da produção do conhecimento: a prática como direção da crítica”, de Elza Margarida de Mendonça Peixoto, apresenta considerar na crítica de Marx e Engels elementos para se empreender uma crítica materialista e dialética. Já, Michele Silva Sacardo e Régis Henrique dos Reis Silva, no artigo de “A crítica crítica dos giros epistemológicos e/ou linguísticos no debate político-epistemológico da área da educação física”, nos apresentam qual tem sido a direção das críticas pós-modernas no debate político-epistemológico da área da Educação Física brasileira, bem como os limites e inconsistências do discurso “pluralista” de um grupo de epistemólogos na referida área.

O terceiro e último artigo dessa seção, “A pesquisa em educação no Brasil: o materialismo histórico-dialético como possibilidade de interpretação”, de Andréa Villela Mafra da Silva, remete a análise do texto sobre a Pesquisa em educação no Brasil, que aborda temas relacionados à produção científica na contemporaneidade, sem perder de vista, a política de pesquisa na área, direcionada pela política de pós-graduação em educação.

Nos artigos da sessão debate, fica evidente os rumos da produção do conhecimento na atualidade. Por um lado, a necessidade de empreender críticas fundamentadas no materialismo histórico-dialético e, por outro, as evidências da proliferação de referenciais pós-modernos.

Já a sessão artigos, traz treze textos dispostos em duas partes: a primeira reúne um conjunto de textos dedicados ao estudo de categorias marxistas, constructos elaborados a partir do real no desvelamento e análise das práticas das relações de produção capitalista, das concepções e práxis social; ainda há artigos que analisam as relações desses fundamentos com o trabalho pedagógico e com atividades de ensino a partir da pedagogia histórico-crítica, a formação no ensino médio, considerando as

contribuições do debate e as acirradas disputas atuais das políticas para o Ensino Médio no contexto do avanço conservador e dos ajustes da educação aos interesses do mercado.

Assim, compõe esta primeira parte, os artigos: “O sujeito oculto do capital e a metafísica da economia política segundo Marx”, de Glauber Lopes Xavier; “Contribuições marxistas para Teoria da História: a relação entre estrutura e história”, de Bruno Mandelli; “Epistemologia, classe e luta de classes: mantendo o azimute”, de Francisco Máuri de Carvalho Freitas; “Teoria do conhecimento, epistemologia e materialismo histórico dialético na pesquisa e no trabalho pedagógico em educação física”, de Gabriel Pereira Paes Neto, Ney Ferreira França, Renan Santos Furtado; “A atividade de ensino na educação física com fundamento na pedagogia histórico-crítica”, de Antônio Leonan Alves Ferreira; “Formação do adolescente no ensino médio integrado: contribuições dos estudos de Vigotski”, de Priscila de Souza Chisté; “A reforma neoliberal do ensino médio e a gradual descaracterização da escola”, de Rita de Cássia Duarte.

Já a segunda parte dessa sessão, conta com dois artigos que evidenciam o debate da tendência pós-moderna e seus desdobramentos: O artigo “As políticas educacionais à sombra do pós-modernismo e suas implicações no ensino de literatura”, de Larissa Quachio Costa; e “Epistemologia pós-moderna e sua leitura de Vigotski”, de Eduardo Moura Costa e Silvana Calvo Tuleski.

Os artigos de demanda contínua, em número de quatro, contribuem para a compreensão tanto do debate sobre a educação da população do campo e suas conquistas, por meio de políticas públicas como o Pronera, das escolas itinerantes do MST e seu projeto educativo, quanto do debate teórico sobre uma concepção crítica da chamada "crise ambiental" e do tema sobre o empresariamento da educação e seu processo de mercantilização. São eles: “Escola itinerante do MST: 20 anos de aprendizados na luta”, de Sandra Luciana Dalmagro, Caroline Bahniuk, Isabela Camini; “Programa nacional de educação na reforma agrária (Pronera): política pública para efetivação do direito à educação superior para a população do campo”, de Maria Claudia Maia; Algumas notas a uma compreensão crítica da chamada "crise ambiental", de Otávio Augusto Alves dos Santos; e o texto “Historicidade de uma análise sobre o empresariamento da educação no Brasil”, de Maria de Fátima Félix Rosar.

A entrevista realizada com o professor Gaudêncio Frigotto, abrilhanta este número com uma discussão sobre as análises e os embates marxistas da/na produção do conhecimento, levando em conta uma série de ataques que vêm sendo realizada contra a classe trabalhadora em todos os âmbitos, educacional, social, político, econômico e cultural. Frigotto, nos alerta, a partir da indicação de textos, sobre os traços novos de ódio e dos sinais presentes nos últimos tempos, que apontam práticas sociais conservadoras.

O texto clássico “A carta enviada a Pável V. Annenkov” (em Paris), de Karl Marx, antecipa alguns elementos da crítica que ele realizaria posteriormente, em “anti-Proudhon”: a Miséria da Filosofia, obra na qual Marx apresenta as primeiras análises de conjunto da gênese, desenvolvimento e contradições do modo de produção capitalista.

Já a resenha intitulada “Para compreender a ciência: um diálogo com Maria Amália Andery e colaboradores”, de Marlon Messias Santana Cruz, destaca a importância de assumir a história como

caminho para compreensão atual da ciência, uma vez que a produção do conhecimento só pode ser entendida se forem analisadas as condições concretas que a condicionam. Portanto, trata-se não só de um desafio teórico-metodológico, mas de compreender com mais detalhes as obras de Marx.

Este número da revista é finalizado com cinco resumos de dissertações e teses, a saber: “Produção do conhecimento dos professores do curso de licenciatura em educação física da UFBA: realidade e possibilidade na formação de professores”, de Ivson Conceição Silva; “Trabalho e Educação: crítica à produção do conhecimento sobre educação no campo na Geografia”, de Alex Cristiano de Souza; “A gênese e as bases teórico-filosóficas que influenciaram na construção do conceito de cultura corporal pelo coletivo de autores”, de Niágara Vieira Soares Cunha; “Contribuições da educação física escolar para a formação omnilateral do ser social: uma reflexão à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica”, de Matheus Bernardo Silva; “Literatura como elemento ontológico de formação humana: reverberações no campo da educação e da formação docente”, de Karla Raphaella Costa Pereira; “Crítica ao conceito de necessidades básicas de aprendizagem (NEBA) a partir da categoria marxiana de necessidades humanas”, de Larissa Figueiredo Bulhões. Estas produções revelam que, não só as pesquisas sobre a produção do conhecimento em diferentes áreas, como também, as pesquisas que tratam diferentes objetos de estudo, tem crescido, respaldadas nas categorias centrais dos fundamentos marxistas.

Assim, com este número, pretende-se instigar o debate acerca dos desafios para empreender uma crítica materialista e dialética, e que nos garanta zelar pela “munição” teórica para combater não apenas aqueles que celebram o “fim da teoria”, mas enfrentar, diante do cenário político, econômico, cultural e social em que vivemos, a onda conservadora, de ódio, reacionária, individualista, pragmática e produtivista.

Boa leitura!

Notas:

¹ Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia (2003), Mestrado em Educação Especial / PPGEEs pela Universidade Federal de São Carlos (2006) e Doutorado em Educação (PPGE) na linha de pesquisa História, Filosofia e Sociologia da Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2012). Atualmente é professora nos cursos de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG / Regional Jataí). Tem experiência docente e em pesquisa na área da Educação e Educação Física, e trabalha com temas amparados pelos fundamentos históricos e filosóficos, relacionados a: as teorias do conhecimento e as análises significativas da produção científica; as políticas públicas; formação de professores, as práticas pedagógicas da educação e educação física. Coordena o grupo de pesquisa Sociedade, Cultura e Formação Humana (PPGE/UFG/Regional Jataí). Email: michelesacardosilva@gmail.com

² Graduado em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade Federal de Uberlândia (2002), mestre em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos (2004) e doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2013). Atualmente é professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Desde 2017 é Editor da Revista Revista Histedbr On-line, do Grupo de Estudos e Pesquisa, História, Sociedade e Educação no Brasil. HISTEDBR, cuja sede nacional é na Faculdade de Educação da Unicamp. Atualmente tem trabalhado principalmente com a análise dos fundamentos históricos e teórico-filosóficos subjacentes as problemáticas significativas da produção do conhecimento, das políticas públicas, da formação de professores e da prática pedagógica da área de Educação, com ênfase nos temas relativos à Educação Especial e/ou Educação Inclusiva. Email: regishsilva@gmail.com

³ Grupo da UFMG é denunciado ao ministério público por estudar obras de Karl Marx disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/minas247/310079/grupo-da-ufmg-%c3%a9-denunciado-ao-minist%c3%a9rio-p%c3%ablico-por-estudar-obras-de-karl-marx.htm>. acesso em 21 de agosto de 17.